

Resquíços: o que sobrou do contato no caso das pretônicas

Eliete Figueira Batista da Silveira (UFRJ)

Anna Carolina da Costa Avelheda (UFRJ)

RESUMO: O alteamento das vogais médias pretônicas [e] e [o] configura variação estável no Português Brasileiro (PB), mas apresenta comportamento diverso no Português Europeu (PE), em cuja variedade constitui processo mais adiantado, inclusive chegando ao apagamento da pretônica. O presente trabalho objetiva verificar o que restou do português europeu quinhentista, em relação ao quadro vocálico pretônico, no português brasileiro atual. O aporte teórico da Sociolinguística Variacionista laboviana fundamenta esta análise. Os resultados indicam que os condicionamentos do atual estágio do alteamento no Português Europeu são os mesmos que controlam o alteamento no Português Brasileiro. As diferenças são atribuídas a mudanças no ritmo verificadas no PE desde o século XVI.

Palavras-chave: contato linguístico; variação; sociolinguística; alteamento; ritmo.

Introdução

Trazida ao Brasil a partir de 1500, com o movimento de expansão territorial empreendido por Portugal, a Língua Portuguesa confrontou-se com uma imensa variedade de línguas indígenas faladas em terras brasileiras. Segundo Serafim da Silva Neto (1951), o panorama histórico do Português Brasileiro divide-se em três fases: (i) um período de bilinguismo, que se estende de 1533, com a criação e a distribuição das Capitâneas Hereditárias, em cujos territórios são criadas as línguas gerais, destinadas à catequese dos povos indígenas, a 1654, em que se oficializa a expulsão dos holandeses; (ii) um período de disseminação do português pela costa, que se estende de 1654 a 1808, praticando-se os falares indígenas e africanos no interior; e (iii) a relusitanização do Brasil, com a vinda da Família Real para o Rio de Janeiro, em 1808, difundindo-se o Português pelo interior e distinguindo-se os falares rurais dos falares urbanos.

Os estudos acerca do vocalismo átono pretônico indiciam que o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE) distinguem-se, entre outros fatores, (a) pela manutenção das médias /e/ e /o/, no primeiro sistema; e (b) pela preferência quase categórica pelas variantes altas /i/ e /u/, no segundo sistema. É fato que as pretônicas no PB indiciam uma retração do fenômeno, de modo que, ao longo do tempo, o alteamento atua como um fenômeno menos produtivo e conservador, visto que a probabilidade de sua realização se eleva nas faixas etárias mais altas. Batista da Silveira (2014), com base em dados do PE, revela não somente a regularização do processo de alteamento mas também a progressão do fenômeno, com resultados indicando uma mudança em curso, que resulta no cancelamento das pretônicas. Em vista disso, intenta-se compreender os fenômenos de alteamento e apagamento na Língua Portuguesa e o porquê dos diferentes percursos tomados pelas pretônicas nas duas variedades.

O *corpus* utilizado constitui-se de dados retirados do Projeto *Estudo Comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*, coordenado pelas professoras Silvia Rodrigues Vieira e Maria Antônia Ramos Coelho da Mota e acessível

através de sítio eletrônico¹ do Projeto. As localidades contempladas são Nova Iguaçu (18 inquéritos), computando 14.135 dados para o PB; Cacém, Oeiras e Funchal (Ilha da Madeira – 18 inquéritos de cada localidade), totalizando 10.702 dados para o PE, analisados com base na teoria da Sociolinguística Variacionista de orientação laboviana (WEINREICH; LABOV & HERZOG, 1968), ou seja, estratificados segundo três faixas etárias (18 a 35 anos; 36 a 55 anos, e 56 a 75 anos), três níveis de escolaridade (fundamental, médio e superior) e gênero (masculino e feminino). Empreende-se uma análise quantitativo-qualitativa, com suporte metodológico do pacote de programas *Goldvarb X*, que busca determinar as variáveis que, em menor ou maior grau, podem condicionar a aplicação da regra variável de alteamento.

Os objetivos do presente artigo centram-se na comparação dos dois sistemas linguísticos no que tange ao funcionamento das vogais pretônicas, a fim de verificar (i) o que haveria restado do contato entre o português quinhentista trazido ao Brasil no período da Colonização; (ii) que fatores teriam contribuído para a intensa diferenciação entre as duas variedades consideradas; (iii) que variáveis de ordem linguística e social atuam sobre o fenômeno de alteamento e de cancelamento das vogais pretônicas, respectivamente, no português brasileiro e no português europeu; e (iv) em que estágio se encontra o alteamento pretônico nas duas variedades. Para tanto, divide-se em três seções: na primeira, intitulada *Revisitando a História do Português Brasileiro*, analisa-se a literatura a respeito da história da implantação da língua portuguesa no Brasil; na segunda seção, intitulada *Comportamento das vogais médias pretônicas*, recorre-se à literatura existente sobre a atuação do processo em ambas as variedades; na terceira seção, observa-se o comportamento das vogais médias pretônicas em Nova Iguaçu, região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, e em três localidades do Português Europeu – a saber, Cacém, Oeiras e Funchal (Ilha da Madeira). Contemplam-se, assim, regiões mais e menos próximas do polo cultural europeu (Lisboa).

1. Revisitando a história do Português Brasileiro

Em um grande anseio pela expansão externa, a língua portuguesa embarca, através da palavra de indômitos marinheiros, rumo a “mares nunca d’antes navegados”, buscando ser o porta-voz da fé e do império. Esse movimento de expansão marítima resulta na abertura dos mares, na duplicação do globo terrestre outrora conhecido e, a partir do Século XVI, na expansão do português pelo mundo, com sua chegada à África, à Ásia e ao Brasil.

Segundo Castilho (2010), os colonos portugueses que desembarcaram no Brasil procediam de regiões diversas da metrópole, verificando-se predominância de portugueses do Sul, como comprovam alguns fenômenos fonéticos ainda hoje existente no português brasileiro: (i) ocorrência de [ʃ], típica do Sul português; (ii) monotongação do ditongo [ej], como em *primeiro*, dito [âj] no Norte português; e (iii) manutenção da distinção entre /v/ e /b/, pronúncias alternantes no Norte português. À chegada dos portugueses, milhões de indígenas povoavam o território, falando cerca de trezentas línguas diferentes. As relações entre portugueses e indígenas originaram as *línguas gerais*, “continuações de línguas indígenas que passaram a ser faladas pelos mestiços de homens europeus e mulheres índias” (RODRIGUES, 1993, p. 85 *apud* CASTILHO, 2010, p. 179). A partir desse contato, as contribuições léxicas, em sua maioria provindas do tupi-guarani, são estimadas em cerca de dez mil vocábulos,

¹ Disponível em <<http://www.concordancia.letas.ufrj.br>>.

constantes de topônimos e antropônimos a que se somam substantivos comuns designativos de vegetais e animais.

De 1538 a 1855, o português brasileiro foi, ainda mais intensivamente, exposto à influência de línguas africanas, em virtude dos dezoito milhões de escravos negros trazidos à terra e sujeitos a um contato mais vigoroso com a escassa população branca. Os escravos traziam consigo duas culturas distintas: (a) a *cultura banto*, entre os que se instalaram no Rio de Janeiro, em São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Alagoas e no Maranhão; e (b) a *cultura sudanesa*, entre os que se fixaram na Bahia, dois séculos mais tarde, estando em número menor do que os bantos. Por esse contato, estima-se em trezentas o número de palavras africanas incorporadas ao léxico do Português Brasileiro.

No que diz respeito às características fonológicas e gramaticais do Português do Brasil, duas são as hipóteses que tentam interpretá-lo: (a) a hipótese do conservadorismo, que o compreende como uma variedade que reflete o falar quinhentista outrora trazido à terra, tendo-se estagnado em virtude de se ter separado das raízes europeias e não ter acompanhado as mudanças lá ocorridas; e (b) a hipótese do inovadorismo, que o aborda como uma variedade inovadora com relação ao Português Europeu. A respeito das mudanças detectadas no Português Brasileiro com relação ao Português Europeu, Castilho (1997, p. 240-244) aponta a existência de três hipóteses interpretativas: (a) a hipótese evolucionista, que propõe a existência de uma língua brasileira absolutamente diversa da variedade europeia; (b) a hipótese crioulista, que aponta para a relevância dos contatos linguísticos estabelecidos no Brasil-Colônia; e (c) a hipótese internalista, que acentua a importância da deriva, ou seja, da atuação de tendências próprias ao sistema.

Baseada no Evolucionismo proposto por Darwin e fortalecida pelo ufanismo dos tempos de Romantismo, a hipótese evolucionista considera a língua como um ser biológico, sujeito a uma evolução determinística, que, como tal, é inerentemente condicionada ao nascimento e ao desenvolvimento, podendo chegar a não mais existir. O trabalho de alteração da língua, realizado pelo falante que, em conjunto, modifica o todo, decorreria de variações de ordem geográfica e social. Fundamentada na fase de bilinguismo que ocorreu nos primeiros tempos de implantação do Português Brasileiro, a hipótese crioulista acentua a importância dos contatos linguísticos e propõe que a variedade brasileira da língua portuguesa se tenha originado de uma forma simplificada de interação, denominada *pidgin*, que evoluiu para o crioulo que constituiria a base da língua. Por fim, tendo por ponto de partida a estrutura da língua, a hipótese internalista prevê que a *deriva* “é uma tendência própria dos sistemas a acomodarem-se, independentemente de continuarem em seu berço de origem ou serem transplantados para outros ambientes” (CASTILHO, 1997, p. 243), de modo que a mudança se realiza devido a fatores internos e que se verificam pontos de tensão, como (i) o aproveitamento incompleto de distinções fonológicas (transfonologização); (ii) a perda de certas distinções e conseqüente perda de fonemas (desfonologização); e (iii) a criação de distinções novas (fonologização).

Na literatura histórica, alguns são os fatores apresentados como motivadores da diferenciação linguística existente entre o português brasileiro e o português europeu. Em primeiro lugar, o português só começou a ser difundido em terras brasileiras a partir de 1532, depois de muito ser utilizado em terras lusitanas. A esse fator, soma-se o fato de ter a língua portuguesa se desenvolvido no Brasil, durante séculos, em condições socioculturais mais propícias à conservação do que à renovação – trezentos anos sem contato com a metrópole, sem imprensa, sem núcleos irradiadores de cultura, em um imobilismo cultural e idiomático

perceptível, sobretudo, nas regiões interioranas. Por tais características, apesar da relusitanização do Brasil, com a vinda da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, a variedade brasileira do idioma continua a apresentar características do português dos Séculos XVI ou XVII, mantendo-se imune às alterações ocorridas na metrópole a partir do Século XVIII.

2. Comportamento das vogais médias pretônicas: ainda um pouco de história

A realização fechada das vogais médias pretônicas, correspondente ao [e] e [o] pretônicos, observáveis antes do Século XVIII em Portugal, constitui a característica utilizada por Nascentes (1953) para a divisão do território nacional e a caracterização do falar brasileiro em dois grandes grupos. Para Nascentes (1953, p. 25), esses dois falares são “separados por uma zona que [...] se estende [...] da foz do Rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso” (p. 91): o do norte, composto pelos subfalares *amazônico* e *nordestino*, e o do centro-sul, composto pelos subfalares *baiano*, *fluminense*, *mineiro* e *sulista*. Segundo o autor, o que “caracteriza estes dois grupos é a cadência e a existência de pretônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em *-mente*” (p. 25):

No sul não há vogais pretônicas abertas antes do acento (salvo determinados casos de derivação) e a cadência é diferente da do norte. É palpável a diferença entre a *fala cantada* do nortista e a *fala descansada* do sulista (NASCENTES, 1953, p. 19-20).

Assim como a alternância polimórfica das pretônicas [e ~ i] e [o ~ u], que a língua dos séculos XVI e XVII conhecia, a preferência pelas médias de segundo grau é apresentada como característica conservadora do português brasileiro com relação ao português europeu. Segundo Camara Jr. (1976), o processo de alteamento é um dos traços que distinguem o português falado no Brasil e o falado em Portugal. Viegas (1987, p. 44) afirma que é “bastante comum no português e caracteriza, por vezes, diferenças dialetais”, mas “traz em si certo estigma social”, sobretudo em casos menos tradicionalmente atingidos, como *intestino*, *teoria* e *academia*, que podem marcar origem geográfica ou estratificação social. Bisol (1981, p. 30), por sua vez, acredita que o fenômeno se tenha espreado sem estigmatismo social.

O processo de alteamento é verificado desde muito cedo em Língua Portuguesa, tratando-se de uma tendência “a fazer passar /e/ a /i/, principalmente nos grupos *en-* + *consoante* e *est-*” (TEYSSIER, 1997, p. 74), encontrando-se registrado desde a gramática de Fernão de Oliveira:

Das vogais, entre e e o pequeno há tanta vizinhança, que quase nos confundimos, dizendo uns *sorrir* e outros *surrir* e *dormir* ou *durmir* e *bolir* ou *bulir* e outras partes semelhantes. E outro tanto entre i e e pequeno, como *memória* e *memórea*, *glória* e *glórea* (OLIVEIRA, 1975[1536] *apud* SILVEIRA & TENANI, 2007, grifos acrescidos).

Paiva (2008, p. 215), apropriando-se deste trecho de Fernão de Oliveira (1975), observa a existência de dois fenômenos: (i) o da variação fonética, em que o alteamento das pretônicas estaria relacionado exclusivamente à redução das vogais átonas; e (ii) o da analogia, em que resultaria da alteração por interação analógica no grupo dos verbos. Assim é que, segundo a autora, “a não uniformidade de usos a que Oliveira faz referência não é, como diz, consequência da semelhança dos fones – *o* não é tão fechado que *quase se confunde com u*, mas da variação que é inerente à expansão de qualquer mudança” (p. 216). No entanto, reconhece que “a sua interpretação, não sendo adequada (...), não deixa por isso de comprovar a existência de um fenômeno de variação entre [o] e [u] átonos, do mesmo tipo do que é referido” quanto a [e] e [i] átonos.

Segundo Carvalho (1962), “o cerramento *o > u*, e *> i* estava submetido na linguagem quinhentista às mesmas condições em que o fenômeno hoje se observa, não ainda estabilizado, no Português do Brasil”, do que se pressupõe que o atual estágio do vocalismo pretônico na variedade europeia, que tende ao cancelamento das vogais médias, seja decorrente de uma evolução do processo de alteamento outrora lá atestado. O autor argumenta que, ao lado do testemunho supracitado de Fernão de Oliveira, há ainda o testemunho de “textos que, pelo menos desde o século XV, apresentam numerosos exemplos de *u* por *o* na pretônica: *custura, custume, cubrir, fremusura, cumunicar, recupilou*”. Carvalho (1962, p. 94) afirma que

se examinarmos bem as formas citadas por F. de Oliveira e as compararmos com as restantes formas quatrocentistas e quinhentistas com *u* pretônica em vez de *o*, verificamos que elas têm todas de comum a presença de um *u* ou *i*, na sílaba imediatamente posterior (em geral a tônica) àquela em que *o* se fechou em *u*. [...] um fenômeno assimilatório perfeitamente idêntico está também amplamente documentado para *e* pretônico, fechado em *i* por efeito de um *u* ou *i* da sílaba seguinte, em numerosos textos dos mesmos séculos: *ricibido, pitiçom, minino, pidir, testimunha* [...].

Carvalho (1962, p. 17) discute a elevação ou não das vogais médias /e/ e /o/, com base nos testemunhos diretos de gramáticos e ortógrafos, bem como nos testemunhos das variedades modernas do português. O autor opõe duas perspectivas acerca do valor dos grafemas *e* e *o* do PE em sílaba pretônica, até o século XVIII: (i) a de Cornu (1904-1906 *apud* CARVALHO, 1962), que prevê que as vogais médias eram representadas pelas formas fechadas *m[e]ter* e *m[o]rar* – como hoje se concretizam no Português Brasileiro, num indício de como possivelmente se pronunciariam tais vogais; e (ii) a de Révah (1955 *apud* CARVALHO, 1962), que defende a existência de uma antiga tendência de se concretizar graficamente como *u* todo *o* átono não final. Nesse sentido, o PB atual registra o uso conservador que aqui chegou no Século XVI. Para o autor, o sistema pretônico dos Séculos XVI e XVII seria semelhante ao quadro da posição tônica, indicando que o alteamento vocálico era fenômeno presente naqueles séculos e, ainda, que o avanço do processo – o cancelamento – atingiu o português europeu, em posição pretônica (/k'remus/, /kridu/), mas parece não ter chegado ao português brasileiro.

ɛ	a	ɔ
e	ɐ	o
i		u

Quadro 1: Vocalismo pretônico do Português Europeu (CARVALHO, 1962, p. 38).

Castilho (2006) ressalta que “uns dizem que, a partir do Século XIX, começou a ser construída uma gramática do Português Brasileiro, quer dizer, uma nova língua, distinta do português europeu”. No entanto, analisando o português medieval, reconhece que “aquilo que se explicava como um abasileiramento do português, na verdade, já se encontrava lá, sobretudo nos documentos do Século XV”:

Esse português veio para o Brasil e foi preservado. Nós estamos fazendo mudanças gramaticais a partir dessa base. Já Portugal, a partir do Século XVIII, imprimiu um novo rumo à língua, por isso é que muito do que aqui sobreviveu, não existe mais lá. Eles é que estão diferentes, não nós. (CASTILHO, 2006).

Silva (2013) afirma que a relusitanização do Brasil, por ocasião da vinda da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, “não foi suficiente para transmitir à fala dos cariocas as transformações importantes que já havia sofrido o vocalismo átono europeu, isto é, as grandes mutações do Século XVIII, que tornaram central e alto o [e] pretônico e elevaram o [o] para [u] nessa posição”, o que se pode justificar por uma possível retenção da mudança entre os falantes da Família Real. Para Queriquelli & Cabral (2011),

Quando Scherre e Naro (2007, p. 155) chamam a atenção para “a mudança de ritmo que lá [em Portugal] se processou a partir de meados do século XVIII e que faz com que o português europeu não seja mais sentido auditivamente como uma língua românica”, estão sugerindo, entre outras coisas, que o PB conservou sua latinidade mais do que o PE (QUERIQUELLI & CABRAL, 2011).

Carvalho (1962), em *Nota sobre o vocalismo antigo português*, procedendo a uma exaustiva pesquisa em *Manuais de Ortografia e Gramáticas*, desde a primeira gramática portuguesa, a de Fernão de Oliveira (1536), até a *Ortografia*, de Frei Luís de Monte Carmelo (1767), observa que “apenas três gramáticos ou ortógrafos – Fernão de Oliveira (1536), D. Luís Caetano de Lima (1736) e Luís António Verney (1746) – podem ser verdadeiramente úteis para os propósitos”, sendo que este apenas faz menção às “letras nos fins das dicções” (VERNEY, 1746: 105 *apud* CARVALHO, 1962, p. 93):

Dos restantes, Duarte Nunes de Leão (1576), Magalhães de Gândavo (1574), Álvaro Ferreira de Vera (1631), João Franco Barreto (1671), Contador de Argote (1725) são de nenhum préstimo para o esclarecimento do problema

do vocalismo átono. João de Barros (1540) só pode servir-nos num aspecto de pormenor; e Monte Carmelo (1767), que escreveu a mais completa exposição da pronúncia portuguesa antes de Gonçalves Viana, só complementarmente nos auxilia no problema particular que nos ocupa (p. 81).

Dom Luís Caetano de Lima (1736 *apud* CARVALHO, 1962, p. 89-91), em sua *Ortografia da Língua Portuguesa*, ao contrário do que atesta Oliveira (1536), declara, numa perspectiva ortográfica, que as vogais médias, na sílaba pretônica, realizam-se pela variante fechada nas formas derivadas – *erva* → *ervado*, *ferro* → *ferrado*, *festa* → *festivo* – e também em hiato – *real*, *leal*, com exceção de alguns nomes como *seteira*, *mesinha*, *corado* e *somente*, em que se realizam pela variante aberta, ao menos na variedade idiomática representada por D. Luís Caetano, natural de Lisboa. Nesses casos, deve-se considerar o abaixamento vocálico por que passam as palavras derivadas, cujas realizações preferem as médias de segundo grau em detrimento das de primeira, constituindo-se casos de resistência ao alteamento (tem-se *ff[er]rado*, mas não **ff[i]rrado*). Segundo o autor, essa regra se aplicaria também às postônicas finais – *fado*, *perto*, *trave*, *leme* – e mediais – *âncora*, *árvore*, *áspero*, *íngreme*, assim como a hiatos – *ég[oa]*, *lég[oa]*, *gávea*, *cerúleo*, posições em que a vogal média se realiza sempre como [e, o] fechados. No que tange à pretônica posterior, supõe-se que o autor observasse a variação [o ~ u], uma vez que prescreve a realização [o] para o pretônico.

A literatura já pontua as diferenças entre o vocalismo do português brasileiro e o europeu, variedade em que o processo de alteamento parece ter alcançado maior regularidade. A respeito da elevação das vogais pretônicas na diacronia do PE, Marquilhas (2000, p. 259) afirma que se trata de um fenômeno discutido entre vários estudiosos, destacando que não se pode verificar até finais do Século XVI. Dentre todos os linguistas, apenas Teyssier (1982) indica uma data: segunda metade do Século XVIII, o que corrobora, baseando-se na tipificação de peças teatrais setecentistas, com grafias como *cutuvelo*, *murar*, *tucar*, *xuver*. Marquilhas (2000, p. 254), no entanto, menciona a possibilidade de a elevação das pretônicas acontecer já desde o Século XVI, o que fundamenta no estudo de Martins (1985 *apud* MARQUILHAS, 2000), que, analisando os estudos sobre a datação do fenômeno, encontra referências setecentistas e quinhentistas.

Segundo atesta Maia² (1986) em documentos das *Cantigas de Santa Maria*, o alteamento por harmonização vocálica já se fazia visível no Século XIII, como corroboram dados como *pidimos*, *pidi*, *firidas* e *servia*, e nas gramáticas do Século XVI (Fernão de Oliveira e João de Barros). Segundo a autora, em posição pretônica, os estudiosos advogam que a média anterior teria se alteado mais tardiamente do que a posterior: o /o/ passaria a [u], mas, como o *schwa* [ə] não apresenta um diacrítico latino, é difícil, pois, atestar o alteamento entre as anteriores. Citando Carvalho (1984 *apud* MAIA, 1986), diz que as pretônicas /o/ e /e/ correspondem à realização [u] e [ə] atualmente em Portugal, inclusive ocorrendo supressão, como em [‘kremuʃ] – ‘queremos’.

Marquilhas (2000, p. 260) propõe que “em grafias como as que se encontram repetidamente no Documento II (*terazeiro*, *Ceristam*, *esteragado*, *teratar*), o grupo consonântico transcrito com o apoio de <e>” seria “um testemunho da elevação e talvez

² Maia (1986) analisou documentos do século XIII ao XVI e testemunhos galegos do norte de Portugal, identificando maior frequência de grafia alteada nos documentos galegos.

mesmo já de síncope do /e/ pretônico”. Ela interpreta que, ou o autor do texto sincopava a pretônica, como em *Caterina* [kə'trinɐ], à semelhança do que ocorria em *estragado*, ou introduzia no grupo consonântico um *schwa* [ə] epentético, “vogal semelhante ao resultado da elevação do [e] pretônico da segunda sílaba de *Caterina*”:

Na primeira hipótese, a grafia de *esteragado* só podia ser concebida se ao sinal <e> fosse atribuído valor mudo, opção que resultaria de se expandir o princípio ortográfico que estabelece que *há letras que se não lêem*. Já na segunda hipótese, o mesmo sinal teria valor alto, e ficava escrito por expansão de um princípio do sistema alfabético, o princípio segmental, que dá *marcas fixas para os sucessivos sons articulados*” (MARQUILHAS, 2000, p. 260).

Em estudo sobre o *o* e o *e* em português, Naro (1973, p. 9-51) tenta estabelecer os fatos fonéticos envolvendo essas vogais, considerando o português de Portugal (Metropolitano), o do Brasil e o de Ceilão. No que tange ao Português Europeu e ao Português Brasileiro em relação ao vocalismo átono pretônico, Naro encontra, em documentos anteriores ao século XVI, registros de palavras corrigidas por serem grafadas com *u*: *outrussi* por *outrossi*, *priureza* por *prioreza*, *pur el* por *por el*, *fremusura* por *fremosura*. Já com relação ao século XVI, cita Nunez de Lião (1576), que condena a assimilação vocálica, bem como o alteamento da pretônica em palavras derivadas (p. 18):

A analogia e a ordem precisam ser mantidas em palavras derivadas; nenhuma variação deve ser permitida. Muitas pessoas dizem *rindeiro*, *vindeiro*, *vistido*, não respeitando as formas primitivas. Pois, se *renda* se escreve com *e*, dever-se-á escrever também assim *rendeiro*, que é seu derivado. E se dizemos *veste* e *vestimenta*, devemos então dizer *vestir* e *vestido*. De um modo semelhante, *venda* e *vendeiro*. Deveremos dizer *gemido* e não *gimido*, por derivação de *gemer* (CARVALHO, 1962 *apud* NARO, 1973).

De acordo com Naro (1973), é difícil estabelecer o período em que o alteamento de *e* para *i* em posição inicial se tornou norma no Português Europeu, mas, com base nos registros escritos, o autor indica que possivelmente tenha sido entre meados do Século XVII e Século XVIII. Quanto ao alteamento de [o] inicial, sua origem é ainda menos precisa, tendo sido registrado, em 1767, por Monte Carmelo (NARO, 1973, p. 42). No entanto, Naro (1973, p. 39) apresenta informação relevante acerca do alteamento condicionado à posição e ao tipo de estrutura silábica. No século XVII, a variação de *i* para *e* inicial acontece em contexto nasal (entrar ~ entrar < ĩnrãre), devido a uma “contaminação da evolução normal ĩn- > en-”, bem como entre *eis-* ou *e-* < *ex-* e *ens-* < ĩns-, prefixos que originaram a alternância *en-* ~ *in-* e *es-* ~ *ens-* ~ *ins-* ~ *is-* (exemplo ~ inzepllo ~ izempllo; exame ~ ensame ~ izame). Disso se infere que o alteamento tem causas morfológicas, já que atinge inicialmente as formas prefixais. Além disso, há a variação *i* ~ *e* protéticos, colocados diante de grupos começados com *s* ‘impuro’ (*isC-* *isC-* ou *sC-*, como em *estola* ~ *istola*, *escola* ~ *iscola*), que posteriormente

alcançou o contexto sem travamento, conforme encontrado no Português do Brasil popular sincrônico (*eterno* ~ *iterno*).

A menção ao alteamento também é observada em Pereira (1666 *apud* NARO, 1973), já no século XVII, considerando o processo que ocorre em todo o paradigma verbal e afirmando que se deve “dizer [...] *gemer*, *gemido* e não *gimer*, *gimido*”, o que evidencia que a variação <e> ~ <i> é, de fato, muito antiga. Sobre isso, Castro (1991, p. 217-218) apresenta um único dado encontrado no Testamento de D. Afonso (século XIII – 1214): *mũliëre* > *moΛer* (port. Antigo) > *mulher*. Para explicar esse dado, cita Nunes (1919), que afirma se tratar de um dos raros exemplos em que a elevação da pretônica [o] > [u] é representada graficamente. O fenômeno não está, contudo, relacionado à elevação geral do vocalismo átono pretônico, muito posterior (séculos XVII-XVIII): o que se verifica em *moΛε´r* > *mulher* é uma assimilação de [o] à consoante alta que o segue [Λ], numa referência ao processo a que se denomina redução vocálica (ABAURRE-GNERRE, 1981).

Com base nos dados do português arcaico (século XIV), Silva (1991) identifica que, em posição inicial, com ataque vazio ou não, se registram as grafias <e> e <i> - além do ditongo <ei> - em muitos itens lexicais (*egreja* ~ *igreja*, *edade* ~ *idade* ~ *eidade*, *Eines* ~ *Inês*, *meninice* ~ *mininice*, *vegiar* ~ *vigiar*), assim como em contexto de travamento por nasal ou sibilante (*infinita* ~ *infinita*, *vendita* ~ *vindita*, *lengugem* ~ *linguagem*, *enterido* ~ *entirido*, *escritura* ~ *iscritura*). Nota-se, em todos os exemplos, a atuação da harmonização vocálica como possível condicionador do processo, e, como afirma Silva (1991), “tais dados informam que a elevação do timbre da pretônica por harmonização vocálica remonta ao século XIII pelo menos e está, certamente, no dialeto padrão no século XVI”.

Em relação à vogal posterior, Silva (1991) encontrou na documentação dos *Diálogos de São Gregório*, exemplos como *bogia* ~ *bugia*, *costume* ~ *custume*, *fogueiras* ~ *fugueiras*, *moimento* ~ *muimento* (monumento), *outoridade* ~ *outuridade*, *recordir* ~ *recurdir*, *logar* ~ *lugar*, *molher* ~ *mulher*, *soterrar* ~ *suterrar*. Dos dados, pode-se admitir que a vogal média posterior seria realizada como [o], articulação que se mantém na língua culta de Lisboa ainda no século XVIII. Em comparação aos dados de [e], percebe-se, em análise sincrônica, que o alteamento de [o] encontra mais resistência tanto no Português Brasileiro quanto no Português Europeu.

Assim, excetuando-se os casos de harmonização vocálica, no português do século XVI, as médias pretônicas anterior e posterior teriam realização fechada [e] e [o], sendo essa a norma transposta para o português de além-mar, como o Português do Brasil e os crioulos de base africana³ (MARQUILHAS, 2003, p. 7-8). Portanto, as variantes altas são de uso minoritário, fenômeno inovador que não se propagou no Português Brasileiro. O português europeu, por sua vez, deu curso ao processo, chegando à regra geral de redução e cancelamento de vogais em posição átona. Tudo leva a crer que o processo se deu após mudanças prosódicas iniciadas no final do século XVII, com repercussão no âmbito sintático, precisamente na ordem dos clíticos, cuja mudança se verifica já no início do século XVIII (GALVES, BRITO & PAIXÃO DE SOUSA, 2005). Tal hipótese também é considerada por Pagotto (2005), que afirma:

³ Sobre as diferentes variedades do PB, interessante ler artigo de Viaro (s.d.), intitulado *Algumas considerações acerca do português falado quatrocentista e quinhentista*, em que o autor apresenta diferentes fenômenos variáveis do português de Portugal e de além-mar (África, América e Ásia), discutindo o caráter conservador das variedades não europeias.

Assim, enquanto o português de Portugal sofria processos de mudança que lhe dariam as feições atuais, o português do Brasil, pelo isolamento das populações transplantadas, teria mantido aqui as características de antes da mudança. É claro que tal hipótese não explica o sem número de alterações na morfologia e na sintaxe, de que não se tem notícia em Portugal, **mas ela é interessante para pensar alguns fenômenos fonológicos** (grifo acrescentado). Por exemplo, a queda das vogais pretônicas é uma inovação do português de Portugal que se teria implementado a partir do século XVIII – na verdade uma grande alteração no padrão rítmico da língua – que não teria afetado o português do Brasil (PAGOTTO, 2005).

A respeito de alterações prosódicas, há apenas os registros de gramáticos que apontam alterações na pronúncia, aludidos acima, bem como os estudos com base no português arcaico. Gonçalves Viana (1892, p. 16 *apud* GALVES, 1999) aponta que, no português europeu, a distância entre as sílabas tônicas e as átonas é mínima, se comparado às línguas germânicas, e queixa-se de que os atores de então simplesmente comiam as sílabas pretônicas. Galves & Galves (1995) propõem que mudanças sintáticas e prosódicas estão encaixadas e, mais especificamente, que alterações na prosódia do PE conduziram à mudança sintática.

O PE moderno caracteriza-se como uma língua de ritmo silábico, por possuir poucos tipos silábicos, estrutura silábica CV (consoante vogal) dominante, poucas sílabas fechadas, propriedade de ressilabificação entre palavras prosódicas (sândi externo) e predomínio de palavras prosódicas com duas ou mais sílabas. No entanto, esse perfil não o enquadra totalmente em uma língua de ritmo silábico, já que apresenta uma forte diferença entre sílabas tônicas e átonas, com conseqüente redução vocálica, irregularidade do espaço ocupado por consoantes e vogais, e a relevância da palavra prosódica na fonologia da língua (FROTA, VIGÁRIO & MARTINS, 2002; VIGÁRIO, FROTA & FREITAS, 2003; VIGÁRIO, 2003). O PE comporta-se, portanto, como uma língua de ritmo silábico que partilha algumas características de língua do tipo acentual⁴.

Para a datação da mudança no nível prosódico, Frota, Galves & Vigário (2008) extraíram, dos textos que compreendem os Séculos XVII ao XIX, informações relativas às propriedades prosódicas que permitiram traçar o percurso dessa mudança. Essas alterações prosódicas acarretaram também a distinção entre o Português Brasileiro e o Português Europeu, no que tange ao comportamento das vogais pretônicas. As autoras concluem que a alteração prosódica aconteceu em três possíveis momentos: 1) em 1600, alterações nas propriedades relativas ao formato da palavra e ao padrão acentual; 2) em 1700, mais alterações nas propriedades relativas ao formato da palavra e ao padrão acentual; 3) em 1800, alterações nas propriedades relativas a alternância entre consoantes e vogais. Destacam que este quadro sugere mudança em curso, iniciada “por uma mudança na relevância do domínio da palavra prosódica (Pw) na gramática da língua com efeitos posteriores a nível dos segmentos”. Por último, revelam a ação do fator tempo na evolução das propriedades rítmicas.

⁴ As línguas de ritmo silábico são caracterizadas pelos traços: [- complexidade/variedade silábica]; [+ domínio do padrão silábico CV]; [+ equilíbrio na distribuição entre Consoantes e Vogais]; [- acento / + ressilabificação]; [- palavras prosódicas de 1 sílaba e + palavras prosódicas de três ou mais sílabas]. A marcação oposta desses traços configura as línguas de ritmo acentual.

Com base no que se apresentou acima, conclui-se que a realização flutuante das vogais pretônicas está na língua desde sua gênese. Ao Brasil, chegou um fenômeno ainda em estágio inicial, um fenômeno inovador que teve início no Português Europeu possivelmente no século XIII, em contexto de harmonização vocálica, expandindo-se a outros contextos já no século XIV. No século XVI, alcança o dialeto padrão e atinge, nos séculos XVII/XVIII, inclusive contextos iniciais específicos (/EN-/ e /ES-/). Como já referido, não se expandiu fortemente no PB, restando a hipótese de que fatores de ordem prosódica são os responsáveis pela diferenciação entre os dois sistemas linguísticos. Ou seja, acredita-se que os mesmos fatores estruturais e não-estruturais estejam agindo no PE e no PB, não se tratando de caso de desativação de atuação de fatores numa ou noutra língua, mas a implicação das alterações no ritmo que resultou (e possivelmente resulta) na causa das diferenciações observáveis em níveis diversos da língua.

3. As vogais médias pretônicas do Português brasileiro e europeu – análise sincrônica

O português brasileiro (PB) e o europeu (PE) distinguem-se quanto às concretizações das vogais médias em posição pretônica. No Português Brasileiro, as vogais médias /e/ e /o/ podem se concretizar como [e i] (s[e]guido ~ s[i]guido; v[ẽ]ndia ~ v[ĩ]ndia) e [o u] (c[o]mer ~ c[u]mer; ac[õ]ntecer ~ ac[ũ]ntecer), respectivamente. No Português Europeu, por sua vez, ocorrem seis variantes de /e/: [i], [i] ([ĩ]mprego; [i]ficaz), [ɨ] (alta centralizada e não arredondada – s[ɨ]mana), [e], [ẽ] (Qu[e]luz; at[ẽ]ndimento), [ɛ] (t[ɛ]levisão), [ø] (r[ø]feriu), [ẽj] ([ẽj]nchido) e [ɐ] (ap[ɐ]gado); e quatro variantes de /o/: [u], [ũ] (p[u]sitivo, c[ũ]nviver), [o], [õ] ([o]fereci; esc[õ]nder), [ɔ] ([ɔ]ficina) e [ø] (c[ø]legas).

Variantes de /E/	Oco	%
[i], [i] - [ĩ]presa, p[ĩ]sava, [ĩ]mprego, [i]ficaz, [i]ducação, [i]xemplo, [i]xiste, [i]volui	950	14,6
[ɨ] - M[ɨ]lhorada, g[ɨ]rir, d[ɨ]sporto, gov[ɨ]rnantes, cons[ɨ]guir, s[ɨ]mana, r[ɨ]gião, d[ɨ]testam	3520	54
[e] , [ẽ] - Qu[e]luz, int[e]rnado, [e]xc[e]pcionais, r[e]c[e]pção, g[e]ral, ind[e]pendência, at[e]ndimento, vari[e]dade, soci[e]dade	614	9,4
[ɛ] - Int[ɛ]rnet, t[ɛ]cnologia, t[ɛ]lecomunicações, el[ɛ]tricidade, t[ɛ]levisão, t[ɛ]lecom, [ɛ]coponto, s[ɛ]tecentos, est[ɛ]reotipo, v[ɛ]lhinho, v[ɛ]lhote, gu[ɛ]rrazinha	51	0,8
[ø] - T[ø]ria, pod[ø]ria, pod[ø]rá, qu[ø]ria, qu[ø]rer, ref[ø]riu, qu[ø]rida, exp[ø]riência, alt[ø]ração, dif[ø]rente, fev[ø]reiro, r[ø]lação, r[ø]flexos, s[ø]tenta, prof[ø]ssora, p[ø]ssoa	1365	20,9
[ẽj] - [ẽj]trei, [ẽj]tram, [ẽj]tendido, [ẽj]chido, [ẽj]tretêm, [ẽj]tão	11	0,2
[ɐ] - B[ɐ]tão, ap[ɐ]gado, sobr[ɐ]viver, p[ɐ]rguntando, p[ɐ]rder, lib[ɐ]rdade, soci[ɐ]dade	11	0,2
Total	6522	100

Quadro 2: variantes da pretônica /E/ do português europeu.

Apesar do maior número de variantes no PE, a produtividade de cada uma das formas alternantes mostra que, majoritariamente, /e/ passa a [ɛ] e a [ø], enquanto a realização como [i] ocorre apenas em início absoluto de vocábulo sem ataque preenchido ([i]xemplo) e as demais variantes não alcançam 10% do *corpus* analisado⁵.

Variantes de /O/	Oco	%
[u], [ũ] P[u]sitivo, c[ũ]nfusões, s[u]ssegada, c[ũ]ntente, p[u]rque, c[ũ]mprar, pr[u]priamente, p[u]ssivelmente, p[u]steriormente, t[u]talmente	3164	75,7
[o], [õ] C[õ]nviver, [o]brigada, [o]fereci, aut[o]carro, esfer[o]vite, pr[o]blema, s[õ]cidade, esc[õ]nder, n[o]rmal, c[õ]nforme, disp[o]níveis, pr[o]fissional, n[o]rmalmente, c[õ]mpletamente, des[o]rdenadamente	945	22,6
[ɔ] [ɔ]bjectivo, n[ɔ]vecentos, n[ɔ]venta, [ɔ]portunidade, pr[ɔ]blemas, des[ɔ]rientado, n[ɔ]rmais, s[ɔ]zinho, pr[ɔ]priamente, [ɔ]rgulho, [ɔ]ficina, n[ɔ]rmalmente	50	1,2
[ø] Nam[ø]rado, c[ø]legas, pr[ø]fessores, rig[ø]rosos, p[ø]rque, p[ø]pulação, c[ø]stume, c[ø]nsegue	21	0,5
Total	4180	100

Quadro 3: variantes da pretônica /O/ do português europeu.

Em relação à posterior /o/, o quadro vocálico mais se assemelha ao do PB, visto que as variantes [o] e [u] são as mais produtivas. Destaque-se, ainda, que o cancelamento, mais adiantado na série anterior, é inibido na série posterior, atingindo apenas 0,5% do *corpus*: c[ø]legas, pr[ø]fessora, c[ø]stume, nam[ø]rado, p[ø]pulação. As variantes mais produtivas são as altas [u], [ũ] (75,7%) e as médias altas [o], [õ] (22,6%).

Desses resultados, pode-se concluir que, em relação à pretônica anterior, PB e PE se diferenciam: no primeiro, há alternância entre [e] e [i] (m[e]nino ~ m[i]nino); no segundo, verifica-se um processo de mudança em curso, já que [e] evoluiu ao longo do tempo para [i], posteriormente para [ɛ] e, nesse momento, [ɛ] se alterna com [ø]. Já a vogal posterior /o/ ainda apresenta alternância entre [o] e [u] (e mesmo [ɔ]), como em pr[o]fissional ~ pr[u]fissional, c[õ]nviver ~ c[ũ]nviver, n[ɔ]rmal ~ n[o]rmal ~ n[u]rmal. Ainda que o alteamento seja muito produtivo, a variante média fechada aparece como forma concorrente, motivo pelo qual o estudo da vogal posterior analisará sua variação [o ~ u].

⁵ Essas variantes são, em geral, ou exceções regulares ou marcadas no léxico. Sobre isso, consultar o sítio http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acessibilidade/capitulo3_2.html.

3.1. Análise comparativa dos condicionamentos do alteamento e do cancelamento de /e/

A fim de conhecer o que estaria agindo para a distinção dos dois sistemas linguísticos, compararam-se os resultados encontrados para o alteamento pretônico do PB e para o cancelamento do PE. Os resultados mostraram que os condicionamentos são praticamente os mesmos: *estrutura silábica*, *distância*, *ponto de articulação antecedente*, *natureza da vogal alvo*, *ponto de articulação da consoante da sílaba seguinte*, *classe de palavras* e *faixa etária*⁶.

Com isso, entende-se que a diferença de comportamento entre PB e PE, no que tange à anterior /e/, não se relaciona à desativação de condicionamentos num e noutra sistema linguístico, estando, pois, vinculado a outro fator que se mencionará mais adiante. Ainda assim, sobre as variáveis selecionadas, é possível tecer algumas considerações.

Em relação à variável *Estrutura silábica*, os resultados mostram que o padrão (C)VC_{sibilante} favorece o alteamento (PB), bem como o cancelamento (PE): [i]stranho, [e]stação, d[i]sgoverno, M[i]squita, [ø]stamos, r[ø]speitam, pr[ø]stáveis, fr[ø]sqinho. Estando a pretônica em contexto de hiato, o alteamento no PB é favorecido (rech[i]ar, g[i]ada); no entanto, concretiza-se majoritariamente como ditongo no PE, indicando um processo mais adiantado do que o que se observa no PB.

Assim como no PB /e/+ Nasal é contexto mais resistente ao alteamento (573/9063 - 22% - .46 *input* geral da regra – [i]ncher, [en]trar, v[i]ndi, v[e]nder), no PE, este contexto figura como refratário ao cancelamento, já que 100% das ocorrências mantêm a variante [±].

$$/e/+ S (.86) > /e/+N (.46) > hiato (.35) > livre (.15)$$

No que diz respeito à variável *Distância*, o alteamento é condicionado principalmente pela contiguidade à sílaba tônica, preferencialmente à vogal alta, conforme comprova o peso relativo de .80: p[i]dido, qu[i]rido. De modo diferente, no PE, é a posição medial da sílaba (contígua ou não à sílaba tônica) o condicionamento predominante do cancelamento, como se verifica em ap[ø]tecia (.867) > int[ø]resse (.817) > r[ø]lação (.589) > [ø]special (.557).

Já para a variável *Ponto de articulação antecedente*, os resultados indicam que o ataque vazio e a consoante palatal condicionam o alteamento no PB: [i]stragado (.76), conh[i]cido (.69). De outro modo, no PE, a supressão de pretônica está condicionada por velares/uvulares e labiais, conforme indicam os pesos relativos: qu[ø]ria (.947), dif[ø]rença (.724).

Em relação à *Natureza da vogal alvo*, a pretônica átona permanente – que nunca figura em contexto tônico, seja na palavra primitiva seja na derivada – **menino** → **meninice** → **meninada** – é o contexto favorecedor tanto do alteamento quanto do apagamento pretônico: [i]nsinar, [i]mpregado, r[ø]flexos, p[ø]ssoa. A atonicidade eventual, atribuída à vogal pretônica que pode derivar (de) uma sílaba tônica, seja na palavra primitiva seja na derivada – **ferreiro** ← **ferro** – revela-se pouco favorecedora de um e outro fenômeno, visto que a tonicidade da forma primitiva fica subjacente e “se superficializa como subtônico” (BISOL,

⁶ Apenas as variáveis selecionadas tanto para o alteamento quanto para o cancelamento pretônico foram aqui apresentadas. As variáveis *localização morfológica da pretônica* (se no prefixo ou na base) e *escolaridade* foram selecionadas somente para o português europeu. Os condicionamentos *natureza da vogal da sílaba seguinte* (que controla as características da vogal que está presente na sílaba seguinte, se átona ou tônica, se nasal ou oral), *faixa etária* e *gênero* foram relevantes para o português brasileiro.

1981), interceptando tanto as regras de elevação – no português brasileiro – quanto as de apagamento – no português europeu. Segundo Bisol (1981, p. 11), “o falante guarda na memória as regras subjacentes, por isso uma sílaba átona pode ser ouvida como forte, em função de um acento maior que lhe foi atribuído nas primeiras etapas do processo derivacional”, preservando a vogal subjacente.

Quanto ao *Ponto de articulação da consoante da sílaba seguinte*, os resultados revelam que o alteamento é favorecido em contexto velar (.75), palatal (.59), pós-alveolar (.56) e labial (.55): p[i]queno, s[i]nhor, [i]ncher, [i]nviar. Já a supressão de pretônica tende a ocorrer antes de alveolar: qu[ø]rer, prof[ø]ssores. É possível admitir que o traço [+ alto] presente nessas consoantes favoreça o alteamento, bem como o cancelamento pretônico.

A variável *Classe de palavras* atua diferentemente no PB e no PE. Enquanto as formas nominais do verbo (.61) e o verbo (.59) são os itens lexicais mais atingidos pelo alteamento pretônico no PB (p[i]dindo, p[i]dir), o cancelamento atinge mais os nomes (.623) no PE: lib[ø]rdade, num[ø]rosas, m[ø]lhores. Tais resultados levam à discussão de qual teria sido o gatilho da mudança: o contexto sonoro ou o item lexical. Há fortes indícios de que o alteamento no PB tenha uma explicação de base difusionista, já que atinge uma classe de palavras específica – verbos – e todas as formas do paradigma verbal. No PE, por sua vez, não se observa o efeito paradigmático:

Acessibilidade	Escondidas	Interesse	Rebelde	Responsável
Anelinho	Esfervite	Irreconhecível	Rebeldia	Restauração
Antecedência	Especial	Liberdade	Reclamações	Restaurante
Antecipado (a)	Espécie	Melhores	Reconhecido	Retretes
Apresentação	Espírito	Necessária	Redondinhas	Revoltado
Bebidas	Estacionamento	Necessidade	Reduções	Segurança
Certificado	Estilo	Necessitada	Reduzida	Semana
Dependente	Estragados	Numerosas	Reforma	Semestre
Desacordo	Excelente	Numerosas	Reformado	Semilhas
Determinação	Experiência	Operacional	Regional	Sessenta
Determinado	Feliz	Operador	Relacionado	Setenta
Dezasseis	Fevereiro	Pedaço	Relacionamento	Televisão
Dezembro	Fresquinho	Pequena	Relações	Terceiro
Diferença	Hotelaria	Percurso	Relativa	Terreiros
Diferente	Impessoal	Pessoa	Remediados	Universalista
Enriquecedora	Independência	Pessoal	Remédio	Universidade
Entrevistado	Independente	Preferidos	Representado	Verão
Escolaridade	Infeliz	Preservativo	Respeito	
Escolas	Interessante	Professor(a/res)	Responsabilidade	

Quadro 4: listagem de nomes atingidos pelo cancelamento da pretônica /E/.

Antes, nota-se que palavras com contextos fonéticos assemelhados são atingidos pelo processo de cancelamento de /e/, o que leva à hipótese de que há a atuação de efeito neogramático.

No que concerne aos resultados para a variável não-estrutural *Faixa etária*, nota-se que, segundo os pressupostos labovianos, o alteamento pretônico (PB) é fenômeno

conservador, já que atinge os falantes de idade mais avançada (56 anos em diante - .580). Como mencionado na revisão histórica, ao Brasil chegou um português, cuja realização das vogais médias era variável ([e] ~ [i] e [o] ~ [u]). Esse comportamento se mantém, registrando o português brasileiro, portanto, um traço conservador do português que aqui aportou. Os estudos recentes (AVELHEDA, 2013; AVELHEDA & SOUZA, 2009; AVELHEDA & BATISTA DA SILVEIRA, 2011a; AVELHEDA & BATISTA DA SILVEIRA, 2011b) mostram, ainda, que o alteamento é fenômeno em retração, tendendo o sistema pretônico brasileiro às vogais médias fechadas.

Já o apagamento pretônico, no PE, é claramente um fenômeno inovador, pois está entre os mais jovens (25-35 anos - .562; 36-55 anos - .515), decrescendo nas faixas mais elevadas (56 anos em diante - .406). Diferentemente do PB, o alteamento vocálico é norma categórica, seguindo o processo em sua evolução para a supressão da vogal pretônica. Tal resultado é corroborado pelo fato de serem as mulheres aquelas que levam adiante a mudança, como indica o peso relativo de .521 (cf. LABOV, 2001, p. 367 – *paradoxo da conformidade*).

Assim, os resultados relativos à vogal pretônica anterior /e/ revelam um distanciamento maior entre PB e PE, em que, naquele, a alternância [e ~ i] é variável, com tendência a manutenção da média fechada, ao passo que, neste, o processo de alteamento já se encontra estabilizado. A supressão vocálica é, pois, a forma alternante com que a variante alta centralizada [ɘ] concorre, fenômeno decorrente de uma pronúncia mais rápida que altera o ritmo do PE, aproximando-o do padrão acentual⁷.

3.2. Análise comparativa dos condicionamentos do alteamento de /o/

A análise variacionista revelou que o PE apresenta maior tendência ao alteamento das posteriores do que o PB⁸. No entanto, ambos partilham praticamente os mesmos condicionamentos: *estrutura silábica, distância, ponto de articulação da consoante antecedente, ponto de articulação da consoante da sílaba seguinte, natureza da vogal alvo, gênero do informante e classe de palavras*.

Em relação à *Estrutura silábica*, observa-se que o alteamento pretônico no PB é favorecido por contexto de hiato (.99) e travamento por nasal (.63): eg[u]ísta, m[u]jeda, J[u]aquim, pr[u]ibir pr[u]ibido; c[u]nversa, c[u]mprando, c[u]nfundindo. No PE, as sílabas livres (CV - .765 - e CCV - .733 - melh[u]rar, j[u]gadores, senh[u]rio) e a travada por /R/ (CVC_{rótico} - .640 – imp[u]rtância, [u]rquideas, c[u]rtada) atuam como favorecedoras do fenômeno. Estes são contextos categóricos de não alteamento no PB, que revelam tendências opostas dos dois sistemas linguísticos.

Os resultados referentes à variável *Distância* permitem postular que o alteamento da pretônica posterior está condicionado à contiguidade à vogal alta tônica, no PB (.86): m[u]squito, c[u]stume, d[u]rmir, comportamento diferenciado do PE, cujos resultados apontam que qualquer vogal tônica favorece o alteamento, destacando-se ainda a posição medial como contexto propiciador do fenômeno.

⁷ Sobre isso, ver também ABAURRE-GNERRE (1981).

⁸ A análise probabilística propõe que, se o input é mais próximo de 1.00, maior é a atuação do fenômeno. Diferentemente, quanto mais afastado desse valor, menor é a atuação. Em seus resultados, o programa apresenta um input de .885 para o alteamento do PE e de .24 para o alteamento de PB, revelando que o alteamento está em processo bem adiantado no primeiro sistema e em retração no segundo.

Pos. medial contígua à tônica (.529 – enverg[u]nhado) > 1ª. pos. com ataque contígua à tônica. (.525 – ch[u]cado) > pos. medial ã contígua à tônica (.511 – ex[u]rbitante)

A análise do contexto antecedente - *Ponto de articulação da consoante antecedente* - destaca condicionamentos assemelhados em ambos os sistemas. Os resultados relativos ao PB mostram que a variação [o ~ u] está condicionada pelas consoantes velar ([ku]meçar - .70), labial ([pu]licial - .66) e pós-alveolar ([ʃu]ver - .60). O PE mostra como contextos favorecedores a consoante labial (at[mu]sférico - .698) e a velar/uvular ([ku]ntingente - .573).

Também relacionado ao contexto fonético adjacente, a variável *Ponto de articulação da consoante da sílaba seguinte* revela que, no PB, labiais ([ku]munhão - .64) e palatais ([ku]nhecido - .58) atuam para o alteamento de [o]. No PE, pós-alveolares (c[u]n[ʃ]avo - .648) e alveolares (p[u]s[t]erior - .547) favorecem o alteamento da posterior.

Percebe-se, portanto, pela exposição dos dois últimos resultados acima, que a variação [o ~ u] tem motivações articulatórias. A consoante velar/uvular propicia o alteamento porque sua articulação levanta o dorso da língua, o que facilita a concretização de /o/ como [u]; já a labial tem a propriedade de baixar o F2⁹ de [o], aproximando-o de [u].

Assim como observado para a vogal pretônica anterior /e/, é o contexto permanentemente átono o favorecedor do alteamento da posterior /o/ nas duas variedades do português (PB - .57; PE - .504).

Quanto à variável não-estrutural *Gênero do Informante*, há um comportamento diferenciado para as duas variedades. Para o PB, a elevação da posterior é produtiva entre os homens (.57), ao passo que, no PE, são as mulheres as mais produtivas (.541). Tais resultados trazem à tona a discussão acerca da influência do gênero nos fenômenos linguísticos. De acordo com a perspectiva laboviana, fenômenos que não são alvo de estigma social¹⁰ são levados adiante pelas mulheres; diferentemente, se há alguma pressão social sobre o uso de uma dada variante, elas são refratárias à sua implementação. Assim sendo, para o PB é possível postular que, de alguma forma, o uso da variante alteada receba algum tipo de avaliação negativa, ainda que as mulheres a utilizem sem ter consciência disso. Já para o PE, o alteamento não porta nenhuma avaliação negativa. Provavelmente isso se deve ao fato de o fenômeno já se encontrar em estágio mais avançado e de se ter processado em tempos remotos.

Outro resultado relevante diz respeito à hipótese difusionista. Os resultados indicam que o alteamento é produtivo na classe dos verbos – quer em sua forma nominal ou finita, como se pode comprovar pelo exame dos pesos relativos para as duas variedades: PB – verbo .57; forma nominal - .56; PE – verbo .595.

⁹ Os formantes são frequências secundárias e têm como papel a diferenciação entre os timbres vocálicos. Especificamente, F2 se relaciona à dimensão horizontal, ao grau de posteriorização da língua.

¹⁰ Labov (1994; 2001) descreve as variáveis linguísticas em três tipos: indicadores de classe, marcadores de classe e estereótipos. Nos fenômenos variáveis do tipo *indicador*, pode haver diferenciação social, etária e regional, mas não há variação estilística na fala daqueles que os utilizam; se submetidos a testes de avaliação subjetiva, os indicadores podem não ser analisados negativamente. Nos do tipo *marcador* de classe, há uma distribuição social e estilística motivada. Além disso, os falantes podem não ter consciência de sua concretização, mas, ao avaliarem, podem emitir juízo de valor mais negativo. Já o estereótipo é avaliado negativamente pela comunidade linguística e é, portanto, socialmente marcado. Alguns estereótipos variam de grupo para grupo, ou seja, o que é positivo para uma comunidade pode não o ser para outra.

Ainda que não seja uma variável selecionada para ambas as variedades consideradas, são notáveis os resultados relativos à *natureza da vogal da sílaba seguinte*. O alçamento de [o] se dá com diferentes vogais na sílaba seguinte:

Apagamento (.789) > [i] tônico (694) > [e o] átonos (.684) > [ẽ õ] tônicos (.639) > [ɐ] (.605)
> [i] átono (.572)

No entanto, chama a atenção o fato de o cancelamento da pretônica da sílaba seguinte (pr[u]f[ø]ssora) propiciar o alteamento da pré-pretônica [o], num processo, talvez, semelhante ao que já ocorreu com a pretônica anterior, em que a supressão já se estende para a pré-pretônica.

Assim, em relação à pretônica posterior /o/, PB e PE ainda guardam entre si relativa semelhança de comportamento, a saber: apresentar variação entre média fechada [o] e alta [u] e, em certa medida, ser contexto de resistência a um processo que está consolidado na pretônica anterior.

4. Conclusão

Os resultados indicam não só que o PB e PE apresentam dissemelhanças no comportamento das pretônicas [e o], mas também que apresentam pontos semelhantes. Confirma-se, de fato, que a tendência do PB na variedade padrão é à preferência pelas médias fechadas [e o], sendo as variantes alteadas [i u] formas que possivelmente chegaram às terras brasileiras em uso minoritário. Aqui, não encontrou condições favoráveis à implementação da norma que lá continuou em processo de mudança, chegando ao cancelamento pretônico.

Nota-se, ainda, que as variáveis que atuam para o alteamento da pretônica anterior no PB e supressão da pretônica anterior no PE são muito similares, assim como se comprova que as variáveis que propiciam o alteamento da pretônica posterior são praticamente as mesmas nas duas variedades do português. Tais observações levam a considerar que se trata de dois sistemas linguísticos que caminham em sentidos opostos, mas cujas regras de acionamento (ou condicionamentos) quer do alteamento quer da supressão continuam agindo igualmente sobre ambos. Nesse sentido, há necessidade de investigação de aspectos prosódicos para dar conta do motivo pelo qual o alçamento vocálico está deixando de atuar no PB e continua atuando (e progredindo a outro estágio) no PE. Tenta-se, com base nesse aspecto e no decorrer da pesquisa, descrever essa diferença de comportamento.

A análise preliminar de algumas variáveis que indiciam aspectos relacionados às diferenças no nível prosódico, a saber: a própria variável dependente, que controla o cancelamento pretônico, a variável que controla o número de sílabas do vocábulo e a que verifica o tipo de estrutura silábica fornecem algumas pistas.

Em relação ao cancelamento pretônico, a literatura indica que línguas de ritmo acentual tendem ao apagamento do vocalismo átono e possível formação de novos padrões silábicos, como acontece com os dados do PE, principalmente no que tange à pretônica anterior /e/, já que a vogal posterior /o/ se mostra mais resistente ao fenômeno. Relacionado a isso, o cancelamento também ocasiona a redução do número de sílabas do vocábulo, o que

não ocorre no PB. Nos dados de PE, percebe-se que palavras de maior extensão silábica tendem a ser mais atingidas pelo cancelamento pretônico, ao passo que as de menor extensão tendem a manter a pretônica. É possível postular que o cancelamento concorre para que o PE seja um sistema linguístico de predomínio de palavras de menor número de sílabas, característica de línguas de ritmo acentual.

Outro dado relevante para observação dos fatores atinentes às diferenças de ritmo entre o PE e o PB consiste no tipo de estrutura silábica preferencial de cada sistema linguístico. A análise dos percentuais referentes ao padrão silábico indica predomínio do padrão CV no PE, ao passo que os dados de PB revelam predomínio de estruturas mais complexas, ou seja, de sílabas travadas com elemento consonântico. A literatura relativa à identificação das línguas de acordo com o padrão silábico assinala que línguas de ritmo silábico apresentam predomínio de estrutura CV e poucas sílabas fechadas. Diferentemente, línguas de ritmo acentual apresentam menor predomínio de estrutura CV e maior predomínio de sílabas fechadas. Nesse sentido, o PE se enquadraria em língua de ritmo silábico e o PB, de ritmo acentual.

Por fim, postula-se que a realização flutuante das vogais pretônicas está na língua desde sua gênese. Ao Brasil, chegou um fenômeno ainda em estágio inicial, um fenômeno inovador que teve início no PE possivelmente no século XIII, em contexto de harmonização vocálica, expandindo-se a outros contextos já no século XIV. No século XVI, alcança o dialeto padrão e atinge, nos Séculos XVII/XVIII, inclusive contextos iniciais específicos (/EN-/ e /ES-/). Como já referido, não se expandiu fortemente no PB, restando a hipótese de que fatores de ordem prosódica são os responsáveis pela diferenciação entre os dois sistemas linguísticos. Ou seja, acredita-se que os mesmos fatores estruturais e não-estruturais estejam agindo no PE e no PB, não se tratando de caso de desativação de atuação de fatores numa ou noutra língua, mas a implicação das alterações no ritmo que resultou (e possivelmente resulta) na causa das diferenciações observáveis em níveis diversos da língua.

Remains: what is left of the contact in case of pretonic

ABSTRACT: The heightening of unstressed vowels [e] and [o] figures as a stable variation in Brazilian Portuguese (BP), but has different behavior in European Portuguese (EP). In this variety, heightening are in earlier proceedings, including reaching the deletion of unstressed vowel. This paper aims to verify the remains of sixteenth European Portuguese, regarding pretonic vowel context, on the actual Brazilian Portuguese. The theoretical framework of labovian variationist sociolinguistics underlies this analysis. The results indicate that the constraints of the current stage of heightening in European Portuguese are the same ones who control the increasing height in Brazilian Portuguese. The differences are due to changes in the rhythm observed in PE since the sixteenth century.

Keywords: language contact; variation; sociolinguistics; heightening; rhythm.

Referências

ABAURRE-GNERRE, M. B. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, no. 2, p. 23-44, 1981.

AVELHEDA, A. C. da C. O alteamento das vogais médias pretônicas no município de Nova Iguaçu: análises sociolinguística e acústica. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2013.

AVELHEDA, A. C. da C. & SOUZA, S. C. G. de. Vogais médias pretônicas: uma análise de dados do Século XIX. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM DO RIO DE JANEIRO, 15, 2009. *Anais do XV Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro – Linguagens em diálogo: pesquisa e ensino na área de Letras*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

AVELHEDA, A. C. da C.; BATISTA DA SILVEIRA, E. F. Vogais médias pretônicas: uma análise pancrônica. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011a. v. 1, p. 465-479.

AVELHEDA, A. C. da C.; BATISTA DA SILVEIRA, E. F. Alteamento das vogais médias pretônicas nas cidades de São Fidélis e Rio de Janeiro: uma análise comparativa. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. *Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN*, 2011b. v. 1, p. 450-464.

BATISTA DA SILVEIRA, E. F. *Vogais pretônicas no Português Brasileiro e Europeu*. 2014. 42 f. Relatório (Pós-Doutoramento em Língua Portuguesa) – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Universidade de Lisboa, Lisboa.

BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 332p. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

CAMARA JR., J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CARVALHO, J. G. H. de. Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas *e* e *o* em sílaba átona. *Revista portuguesa de filologia*. Vol. XII, tomo I. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/ Instituto de Estudos Românicos, 1962.

CASTILHO, A. T. de. História do Português Brasileiro. In: _____. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A. T. de. Jornal da UNICAMP, Edição 328, de junho de 2006 (entrevista a Álvaro Kassab). Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/junho2006/ju328pag4-5.html>. Acesso em: 01 de out 2013.

CASTILHO, A. T. de. O português do Brasil. In: ILARI, R. *Linguística românica*. São Paulo, Ática, 1997.

CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

FROTA, S.; VIGÁRIO, M.; MARTINS, F. Language Discrimination and Rhythm Classes: Evidence from Portuguese. In *Speech Prosody 2002 Proceedings*. Aix-en-Provence, pp. 315-318, 2002.

FROTA, S.; GALVES, C.; VIGÁRIO, M. Ler a fonologia: do português clássico ao português moderno. *Atas do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2008, pp. 193-206.

GALVES, C. Da fala à gramática. *Revista Pesquisa*. Fapesp, 1999. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/1999/07/fapesp_44-30-site.pdf>. Acesso em: fev. 2013.

GALVES, C., BRITTO, H., PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4-1, 39-67. 2005

GALVES, A.; & GALVES, C. A Case study of prosody driven language change. From CIP to EP, UNICAMP - USP, 1995.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: Social Factors*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Basil Blackwell, 2001[1994].

MAIA, C. de A. *História do galego-português*. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal do século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno). Coimbra: INIC, 1986.

MARQUILHAS, R. *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MARQUILHAS, R. Mudança analógica e elevação das vogais pretônicas. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (org.) *Razão e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem à Maria Helena Mira Mateus*. Vol. II. Lisboa, INMC, 2003. P. 7-18.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NARO, A. A história do *e* e do *o* em português: um estudo de deriva linguística. In: _____. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973.

PAGOTTO, E. G. Variedades do português no mundo e no Brasil. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 57, n. 2, June 2005. Available from <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 Out. 2013.

PAIVA, M. H. A descrição do vocalismo átono quinhentista: linhas e entrelinhas nos textos metalinguísticos coevos. *Revista de Estudos Linguísticos*. v. 3, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 198-221, 2008.

QUERIQUELLI, L. H. M.; CABRAL, A. O Brasil estraga ou conserva a língua de Camões? *Centro Universitário Leonardo Da Vinci*. 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/73376108/O-Brasil-estraga-ou-conserva-a-lingua-de-Camoes-Luiz-Henrique-Queriquelli>>. Acesso em: out. 2013.

SILVA, M. B. da. Uma possível história das pretônicas brasileiras. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9, número 2, dezembro de 2013. ISSN 1808-835X 1. [<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]

SILVA, R. V. M. e. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951.

SILVEIRA, A. A. M. da & TENANI, L. E. “Elevação vocálica no dialeto do interior paulista: contribuições para os estudos de variação fonológica do Português do Brasil”. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 18-26, jan.-abr. 2007.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VIEIRA, S. R.; MOTA, M. A. R. C. *Projeto Estudo Comparados dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*. Disponível em: <http://www.concordancia.lettras.ufrj.br/>.

VIGÁRIO, M.; FROTA, S.; FREITAS, M. J. From Signal to Grammar: Rhythm and the Acquisition of Syllable Structure. In: BEACHLEY, A. (ed.) *Proceedings of the 27th Boston University Conference on Language Development*. Dommerville, Mass.: Cascadilla Press, 809-821, 2003.

VIGÁRIO, M. *The Prosodic Word in European Portuguese*. (Interface Explorations Series, 6). Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2003.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Data de envio: 31/10/2014.

Data de aceite: 04/04/2015

Data de publicação: 03/08/2015